

XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE E PRÉ-
ALAS BRASIL

04 a 07 de setembro de 2012

UFPI, TERESINA-PI.

GT 02 – Ciências Sociais e Esporte: conjugando abordagens e perspectivas
em um campo de pesquisa plural e interdisciplinar

Identidade Cultural nas Arquibancadas: Os Cangaceiros Alvinegros

Marcelo da Silva Ribeiro

Email: marcelo_condongas@hotmail.com

Universidade Federal do Ceará

“Anti-Misto”: uma lógica, um discurso, uma prática, uma tentativa de valorização regional.

Esta pesquisa objetiva realizar um debate sobre as identidades construídas a partir dos torcedores de clubes de futebol. Para analisar essas relações é preciso ter em vista alguns conceitos que nortearão o desenrolar desta pesquisa, tais como: “mistos”, “identidade”, “diferença”, “regionalismo”, “indústria cultural”, dentre outros.

Dentro dessa dinâmica, é preciso fazer a contextualização do surgimento do futebol no mundo e no Brasil, tendo em vista que a relação de negação dos mistos está enraizada além de tudo na relação “nós” x “eles”, em que se considera que os elementos futebolísticos que acentuam esse acirramento estão relacionados com as desigualdades regionais.

Para dá início ao debate, proposto pelo presente estudo, se faz necessário definir o que é um torcedor “misto”. De acordo com Artur¹ (2011) um torcedor misto é aquele que torce por um time de seu estado e outro time de outra região, em especial aqueles da região sul/sudeste, por exemplo, aquela pessoa que torcer pelo Ceará Sporting Clube (região nordeste) e um time carioca como o Clube de Regatas Flamengo. É considerado misto também torcedor que torcer apenas por um time de outra região.

O conceito de torcedor misto propõe uma distinção entre os torcedores de um mesmo time de futebol. O termo “misto” se refere a algo que não é “puro”, algo misturado, e essa mistura é vista pelo *movimento*² “anti-misto” como negativo. O *movimento anti-misto* não é algo institucionalizado e popularmente reconhecido por parte da sociedade brasileira, contudo podemos observar uma homogeneidade e semelhança nas ações dos torcedores nordestinos e de outras regiões brasileiras fora do eixo Sul-Sudeste que podem caracterizar como um fenômeno que já faz parte do contexto futebolístico.

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

² Utilizamos o termo *movimento* para identificar um conjunto de ações embasadas por um discurso-ideológico contrário as referidas manifestações “*mistas de torcer*”, contudo até então não institucionalizado e desconhecido por grande parte da sociedade brasileira.

Nos últimos anos esse movimento “anti-misto” vem ganhando notoriedade nos veículos de comunicação de massa tradicionais (televisão, jornais, revistas, rádio e etc.), especificamente os ligados ao contexto futebolístico, e especialmente nas redes sociais³ (*Orkut, Twitter, Facebook* e etc.). O discurso-ideológico “anti-misto” procura em primeira instância conscientizar os torcedores de clubes de futebol de sua região, para que torçam apenas para os referentes representantes das mesmas. Nesse intuito são organizadas estratégias para publicizar ações nesse sentido, como faixas nos estádios, camisas com frases reforçando a ideologia, entre outros.

Segundo Artur (2011) o futebol teve período de ascensão na Europa no fim do século XIX. A popularização desse esporte está intrinsecamente relacionada com o processo de industrialização que causou impactos em todas as relações sociais nas cidades. Segundo o autor:

O esporte tornou-se uma eficiente forma de adaptação das pessoas àquele novo ritmo de vida da metrópole: o condicionamento físico, a disciplina, a obediência às regras, o trabalho coletivo que também valoriza os sucessos individuais. (ARTUR, 2011, P. 17).

O futebol reflete as características da sociedade moderna que proporcionou modificações nas relações de trabalho e na família, gerando também novas instituições que servem como instrumentos de manutenção da força daquele sistema social. Nesse contexto, surge também a escola que reflete as características da sociedade moderna citadas pelo autor, sendo um mecanismo de disciplina e educação.

Além disso, o esporte surge também para dar um sentimento de pertença para trabalhadores da metrópole, que muitas vezes deixava suas famílias, mudavam de cidade para ser empregador na “cidade grande”. O futebol acaba proporcionando para estas pessoas a oportunidade de se sentirem parte de uma “família”, que é movida por laços emocionais individuais vinculados a um mesmo time de futebol, gerando uma rede de solidariedade.

³ As redes sociais configuram-se também uma arena aglutinadora de informações e que fomenta a disseminação da ideologia.

O futebol no Brasil também parte de contexto histórico parecido. O esporte se desenvolveu principalmente em estados que estavam inseridos no momento de desenvolvimento urbano. A ascensão do esporte esteve acompanhada de um crescimento econômico desta região, que recebeu uma série de trabalhadores de outros lugares, servindo como acalento aos “aventureiros” que estavam indo em busca de emprego em lugares distantes.

O futebol, segundo Artur (2011), é um esporte praticado pelas elites. Os membros mais ricos da sociedade brasileira no século XIX tiveram o papel de importar o esporte e foram estes que dirigiram as primeiras equipes. Os locais dos jogos eram clubes sociais e os times traziam marcas da origem européia como estrangeirismos nos nomes, quando até hoje isso é uma marca, como podem observar no Ceará Sporting Club.

O surgimento da rivalidade entre sul e norte é questão central no futebol brasileiro, sendo também de grande importância para o desdobramento desta pesquisa. Essa rivalidade vem surgir com o crescimento da cafeicultura em São Paulo e Rio de Janeiro, que veio a sobrepor a economia de cana-de-açúcar da Região Sudeste. Neste contexto, a indústria cafeeira passou a receber maior atenção do Estado, em contrapartida Estados da região Nordeste reivindicam uma maior atenção e maiores investimentos nessa atividade. Assim, os Estados do Sul/Sudeste passaram a configurar os centros econômicos do país. Em resposta do descaso do Império para com as zonas açucareiras criou-se um sentimento de identidade, fruto de um momento de fraqueza do Nordeste.

A rivalidade começou aí, e as consequências dessa posição de dominação são sofridas até hoje, visto que estes além de maior poder econômico possuem os grandes veículos de comunicação.

O discurso “anti-mistos” muitas vezes, traz essa dimensão econômica e das desigualdades sociais geradas a partir daquela. Essa visão evoca elementos de resgate a cultura nordestina, e como todo movimento desse nível, características tradicionais são trazidas, tais como podemos observar na

Torcida Organizada Cangaceiros Alvinegros⁴. Foi essa torcida organizada, especificamente, que veio a se tornar o nosso *objeto* de estudo por ser considerada por nós, uma aglutinadora de elementos e características que interessam ao presente trabalho. Em suma, a Torcida Organizada Cangaceiros Alvinegros pode ser compreendida como nosso *campo empírico*, pois os integrantes da referida TO, aparentemente em sua maioria, é adepta do mesmo discurso-ideológico “anti-misto”, além de possuir em sua origem outro discurso-ideológico relevante para nossa pesquisa: a valorização da cultura e identidade regional. Os integrantes da supracitada TO se tornaram informantes importantes e principais fontes de coleta de dados para esta pesquisa, onde podemos observar suas performances em jogos do Ceará Sporting Club, pela primeira divisão (Série A) do Campeonato Brasileiro de 2011⁵, em treinos do referido Clube de Futebol e seus discursos nas redes sociais *Orkut* e *Facebook*.

Entenderemos aqui a criação da identidade, sobretudo aquela relacionada ao *movimento anti-misto* como uma relação produzida simbolicamente e discursivamente, uma vez que a identidade é fruto das relações de poder, e envolve vários atores que têm interesses diferentes e disputam eles dentro do “campo futebolístico”. É preciso ter ciência de que a construção das identidades está imersa a uma série de relações que envolvem a definição de elementos positivos e negativos em torno do conceito. Elementos estes que estão em jogo a todo o momento e passíveis de mudanças e reformulações.

De acordo com Silva (2005) “outras marcas da presença do poder: incluir/excluir (‘estes’ pertencem, aqueles não); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (“bons” e “maus”; ‘puros’ e “impuros”; “desenvolvidos” e “primitivos”; ‘racionais’ e “irracionais”; normalizar (‘nós somos normais; eles são “anormais”)). (SILVA, 2005, p. 81). Essas marcas refletem a complexidade do

⁴ Torcida criada no ano de 2011 por um grupo de amigos que tinha em comum: Ceará Sporting Clube como clube do coração e o apreço pela cultura regional do nordeste.

⁵ Competição de nível nacional considerada pela crônica esportiva (profissionais da área da comunicação que se dedicam aos esportes) em geral como a competição mais importante do país.

surgimento do conceito de “misto” que está alicerçada nesses eixos destacados pelo autor, onde as primeiras situações como “pertencentes”, “nós”, “puros”, “desenvolvidos”, “racionais” “normais” são associadas aos adeptos do posicionamento a favor de torcedor apenas por time de sua região, enquanto que “não pertencentes”, “eles”, “impuros”, “primitivos”, “irracionais”, “anormais” são termos associados aos “mistos”.

Na torcida organizada Cangaceiros Alvinegros são evocados elementos tradicionais do regionalismo nordestino. Desta forma, os torcedores tendem a valorizar o futebol nordestino, surgindo o “nordestino” (“nós”) como um conceito amplo que sobrepõe às particularidades dos Estados. Um conceito que tendem a aproximar os sujeitos a partir da criação de um laço de solidariedade que visa transpor as dificuldades que os clubes desses estados vêm sofrendo pela disparidade das condições de participação nos campeonatos bem como em todo cenário futebolístico. Como destaca Silva, a criação desses laços é fundamental:

É necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum. (SILVA, 2005, p. 84).

Também são evocados elementos de oposição ao sul/sudeste no sentido, principalmente, de combater a influência midiática dos grandes veículos de comunicação. Com frequência a Rede Globo é citada nos discursos como fator de proliferação das desigualdades, visto que esta sempre esteve a frente na transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro e dos grandes campeonatos internacionais, como a Copa do Mundo, Taça Libertadores e o Campeonato Mundial Inter-Clubes.

O efeito da mídia nessa relação é sempre posto em questão, assim como o efeito de instituições como o Clube dos 13 e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O discurso do *movimento anti-misto* coloca que essas instituições favorecem os grandes times do futebol brasileiro, considerando como grande time aquele que tem títulos nacionais e internacionais que se encontram, na atual configuração, na região Sul/Sudeste.

As ações que podem ser observadas que agravam a disparidade nas condições entre “times daqui” e “times de fora” são, por exemplo, a divisão dos recursos para a transmissão dos jogos pela Rede Globo, onde há uma disparidade maior entre os times que estão no Clube dos 13 e os demais.

A disparidade financeira entre times do sul e os clubes nordestinos revelam o contraste em que o futebol brasileiro se encontra. Esse contraste é dado historicamente pela situação em que a região sul alcançou a partir da ascensão do comércio do café, como dito antes, mas é acentuado por esses instrumentos de mediação, tais como mídia e órgãos organizativos do futebol. Segundo os adeptos do discurso anti-misto esses fatores são decisivos para a situação periférica dos clubes nordestinos.

O futebol se tornou, no decorrer das décadas, cada vez mais embebido pelas facetas do capitalismo. Os clubes de futebol têm que se adaptar aos preceitos do capitalismo, podemos observar que para que um clube tenha sucesso no campo futebolístico, entendendo campo como espaço de conflitos, este deve ter toda uma preocupação com a visão midiática, uma visão comercial e um planejamento que repercuta no apreço pelo mesmo. Por exemplo, os times investem em jogadores que tenham certo capital que possa ser positivo, como simpatia deste, títulos que ele tenha ganhado etc., como também procuram patrocinadores que se interessam pelo tamanho da torcida do time, visibilidade que este tem etc.

A mídia sempre esteve muito relacionada com a questão do futebol, visto que durante anos apenas eram transmitidos jogos do Campeonato Brasileiro Série A, dessa forma a mídia fez o papel de aproximação entre os “clubes de fora” e os nordestinos. A mídia, principalmente no caso da televisão, exerce um papel de indústria cultural, onde são lançados elementos que devem ser considerados positivos para nossa sociedade, como também atribuem valores negativos para outros elementos. Portanto, o torcedor de futebol está sempre assistindo a televisão e o apaixonado por futebol acompanha os campeonatos nacionais que contam com pouca participação nordestina e

difícilmente verá um desses times alcançando posição de dominação dentro desse campo.

Dessa forma, os times nordestinos aparecem como coadjuvantes dentro dessa dinâmica, já que estes têm poucos recursos para investir em jogadores de primeiro escalão e não tem a estrutura necessária para competir com os grandes. Assim, os torcedores nordestinos tendem a torcer por times que possuem o maior capital que está em jogo, com títulos, melhores jogadores, etc., preferindo os clubes da região Sul/Sudeste em detrimento dos times de sua região.

O discurso “anti-misto” rejeita esta lógica de aproximação entre torcedor e time a partir do campo midiático, questiona-se como pode alguém torcer por um time em que não se assiste aos jogos de seu time no estádio, que eles não comparecem aos treinos, que eles não têm proximidade com os jogadores, enfim os laços afetivos entre torcedor e time são criados sem a proximidade física. Por vezes é utilizada a visão de alguns torcedores do sul/sudeste que pormenorizam a importância destes torcedores ou mesmo que agem com preconceito para com os nordestinos.

Dessa forma, podemos interpretar que esse discurso “anti-misto” configura-se como uma tentativa de reforçar uma identidade nordestina, e nessa formulação são definidos critérios positivos e negativos. Um critério positivo é torcer por apenas um time, sendo este de seu Estado. Mas também são definidos critérios negativos tais como a não utilização de camisas de outros times, quando isso acontece nos estádios é visto com destreza.

Nessa aversão a times de outros times são confeccionadas faixas com frases como “Vergonha do Nordeste”, em alusão a nordestinos estarem torcendo por times de fora nos estádios, são confeccionadas também camisas com frases tais como “Eu escolhi meu time, a mídia escolheu o seu” ou “Sou nordestino e tenho time pra torcer”. Esse movimento vai de encontro a torcedores que chegam a se organizar em torcidas organizadas de times de fora, que tem a função de facilitar a estadia dos torcedores, por exemplo, do

Corinthians quando este time vem para cá, podemos ver faixa no aeroporto da Torcida Fiel – CE, sendo uma “filial” da Torcida Fiel da capital paulista.

Torcer: pertencimento, identidade e comunhão.

Quando se ingressa em um estádio de futebol por ocasião de algum jogo importante, uma das primeiras sensações que perpassam corpos e mentes torcedoras é o êxtase da comunhão proporcionada pelo espetáculo. Todavia, sente-se também temor e resignação diante da multidão confinada. A massa igualmente seduz e assusta, encanta pela sua beleza estética, tal qual um gigantesco mosaico, e atemoriza por sua grandiosidade e onipresença. (TOLEDO, P.128).

Nesse pequeno fragmento textual Toledo (1994) consegue sintetizar de uma maneira brilhante os sentimentos e sensações que, de modo geral, os torcedores poderão vir a sentir ao ingressarem no estádio de futebol em dias de jogos importantes. Contudo, é importante salientar que essas *sensações e emoções* atingem especialmente os torcedores que adentram ao estádio nos instantes antes dos jogos quando as arquibancadas já estão abarrotadas, as torcidas organizadas (TO) encontram-se nos seus “espaços” tradicionais, os torcedores desvinculados a essas organizações já ocupam seus lugares costumeiros, já estão ensaiando manifestações de apoio ao seu time e repúdio ao adversário, iniciam conversas, em geral sobre a condição do time na competição, partidas anteriores, futuras e da presente, falam do rendimento dos atletas que defendem o seu Clube e outras práticas de sociabilidade.

A importância dessa pontuação se fez necessário, pois a “massa” que assusta e encanta não está lá pronta, estática e esperando os demais torcedores entrarem, ela vai se erguendo aos poucos, aos instantes que os torcedores, munidos de expectativas, sentimentos dos mais diversos, e de seus símbolos, vão ocupando aos poucos os espaços e construindo o cenário descrito pelo fragmento textual de Toledo.

Segundo o pesquisador Ruben George Oliven, autor de uma resenha referente ao livro *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das*

*rivalidades entre torcedores e clubes*⁶ de autoria do escritor Sander Arlie Damo, afirma que a idéia do autor do livro é de apresentar o Futebol intermediado por um sistema de lealdades:

Torcer significa pertencer, e pertencer a um clube significa ser leal a ele. Vibrar quando ele ganha, sofrer resignadamente quando ele perde. Participar do mundo do futebol significa escolher um clube do coração. Uma vez feita a opção, ela não deve ser alterada, pois o torcedor passa a pertencer ao clube. E o time desse clube está sempre competindo com os outros, definidos como adversários. (OLIVEN, 2002).

Esse sentimento de pertence evidenciado na relação torcedor/time acaba proporcionando não apenas uma relação dualística entre Clube/individuo, relação essa pautada, por parte do sujeito, no afeto, na cordialidade, no pertencimento e etc., contribui diretamente para o aparecimento de novos laços de sociabilidade entre indivíduos, que comungam do mesmo sentimento de pertencer, amar e representar o Clube.

O mestrando em Antropologia Jessé Santana de Menezes pela da Universidade Federal da Bahia, em um artigo apresentado no XI CONLAB⁷, percebeu perfeitamente essa questão ao fazer a seguinte citação em seu trabalho: “[...] os torcedores se identificam com seus times e com outros torcedores que partilham a mesma devoção...” (LEVER apud MENEZES, 2011 p. 03). Concluindo seu raciocínio Menezes (2011) aponta outra citação fundamental para compreender esse contexto de relações pautadas na comunhão de sentimentos:

A integração social e a torcida esportiva se fortalecem mutuamente; quanto mais se tem uma coisa, mais se consegue a outra. O ato de torcer, portanto é uma manifestação simbólica do senso de pertencer e também uma base para a participação na comunidade. (LEVER apud MENEZES, 2011 p.03).

Esse senso de pertencer e a criação de laços de sociabilidades com os demais torcedores orienta todo um processo de criação de identidade, como exemplo para tornar o raciocínio claro e objetivo: o Torcedor do Botafogo - RJ

⁶ Esta resenha foi publicada como prefácio do livro resenhado, com o título *A Paixão pelo Futebol*.

⁷ Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais.

além de torcer pela equipe carioca faz parte da Torcida da mesma, de um grupo maior, ele sai do individual de torcedor e passa ao coletivo da torcida.

Essa explanação sobre questões de identidade, pertencimento e comunhão de sentimentos, emoções e hábitos se fez necessária para nosso trabalho, pois o discurso “anti-misto” possui uma perspectiva que não pode ser negligenciado por nós, esse olhar foi captado por Arthur (2011) na seguinte fala:

O movimento anti-misto, ao desenvolver suas argumentações, também cria um tipo ideal de torcedor de futebol. Embora um representante desse movimento tenha, em entrevista, afirmado que não é de sua intenção apontar a forma certa ou errada de se torcer, as críticas aos “mistos” trazem a defesa de uma determinada forma de ser torcedor: é desejado que se torça apenas por um time, sendo ele de sua própria região, espera-se que o torcedor frequente os treinos e os jogos no estádio, apoiando o time ao vivo e sentindo “a real emoção do futebol. O misto é descrito como alguém que só torce através da TV, sendo um dos argumentos para persuadi-lo dessa posição de “misto” o incentivo a ir ao estádio e conhecer essa maneira mais emocionante de se torcer. (ARTHUR, 2011 p. 73).

Desqualificar o modo de torcer e colocá-lo como vítima de um possível processo de manipulação midiático que é favorável apenas às equipes com maior poderio econômico do Sul e Sudeste são os principais argumentos dos adeptos do discurso “anti-misto”.

As idas ao Estádio Presidente Vargas em dias de jogos do Ceará Sporting Club, quando os mesmos foram sediados na cidade de Fortaleza, pelo Campeonato Brasileiro da Série A (divisão mais importante da competição) de 2011, ida a bares para assistir os jogos que aconteciam fora do Estado nordestino e participação em debates, bate-papos e discussões *online* que aconteciam nas redes sociais da Internet, antes ou depois das partidas da equipe, notamos que em geral, esses argumentos são adotados para difundir a ideologia separatista *entre torcedores ideais e os mistos*, esse último visto pelo movimento “anti-misto” um tipo de aberração criado por um processo midiático manipulador orquestrado pela indústria cultural da região Sudeste e Sul, e utilizados para afirmar o próprio discurso ideológico contrário a estas práticas “mistas”.

Torcida Organizada Os Cangaceiros Alvinegros: Valorização Regional nas arquibancadas.

No dia 18 de julho do ano de 2011 uma matéria jornalística veiculada a um site de notícias brasileiro, especializado em conteúdo esportivo anunciava a seguinte manchete: *Os Cangaceiros Alvinegros: alegria para contagiar os jogos do Ceará.*

A matéria de autoria da jornalista Luana Andrade trazia a toma o surgimento de uma nova torcida organizada ligada a equipe do Ceará Sporting Club:

A ideia de criar este grupo tão confiante surgiu a partir de uma viagem ao Rio de Janeiro para assistir ao jogo Flamengo x Ceará, no Maracanã, pelo Brasileirão do ano passado. Foi lá que Mário Veríssimo chamou a atenção da torcida do Flamengo com seu chapéu de cangaceiro. Pena que ele e os amigos foram hostilizados pelos rubro-negros. Mário conta que a torcida gritava “cangaceiros, voltem para o cangaço”.

- Escutei várias pessoas criticando o chapéu. No começo, eu me senti ofendido, mas resolvi fazer desse preconceito uma torcida para elevar o nome do time do Ceará - contou Mário Veríssimo. (Fragmento de matéria retirado do site Globoesporte).⁸

Segundo foi apontado pela jornalista na matéria o grupo escolheu “[...] a roupa de cangaceiro por achar que tem tudo a ver com o Estado e a cultura nordestina. A ideia de criar o nome Cangaceiros Alvinegros é levar a cultura do Nordeste para o Brasil”.⁹

Contudo a valorização regional empreendida por essa TO em especial não fica reduzida apenas ao uso de camisas que aludem certas características e peculiaridades da região Nordeste, a musicalidade também está presente e também é evidenciada pela reportagem em questão em um subtópico especial: *Com direito a um forrozinho.*

⁸ ANDRADE, Luana. : **Os Cangaceiros Alvinegros: alegria para contagiar os jogos do Ceará.** Globoesporte.com, Fortaleza-CE, 16 de jul. 2011. Disponível em< <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/ceara/noticia/2011/06/cangaceiros-alvinegros-alegria-para-contagiar-os-jogos-do-ceara.html>> Acesso em: 28 out. 2011.

⁹ Idem.

Segundo a reportagem a TO “ousou e levou uma banda de forró pé de serra para aquecer antes do jogo”.¹⁰

No decorrer de nossa observação participante, enfocada no cotidiano¹¹ da Torcida Organizada Cangaceiros Alvinegros, notamos que o forró¹² é visto pela maioria dos integrantes da referida TO como um elemento cultural tipicamente regional, por conseguinte ele se insere na perspectiva de valorização da cultura regional, funcionando assim como um instrumento afirmativo do próprio discurso da TO analisada por esse trabalho.

As músicas entoadas durante os jogos pelos Cangaceiros Alvinegros são em sua grande maioria paródias, feitas em cima de letras e melodias de forró, xotê ou baião, músicas de raízes nordestinas, e quem encontram nessa região os seus maiores centro de consumo. Como exemplo, podemos citar a paródia da música de autoria de Luiz Gonzaga, *Forró de Cabo a Rabo*:

Vixi como eu tô feliz,
 olha só como eu tô pago
 Nunca mais eu vô perder
 o forrozão lá do Zé Nabo
 Vixi como eu tô feliz,
 olha só como eu tô pago
 Nunca mais eu vô perder
 o forrozão lá do Zé Nabo (2X)

¹⁰ Idem.

¹¹ Entendemos como cotidiano da torcida sua participação no estádio em dias de jogos, suas redes de sociabilidades nas páginas virtuais da Internet (redes sociais), nas idas a bares para assistir os jogos da equipe do Ceará e etc.

¹² Estilo musical brasileiro originário do nordeste.

A versão do Cangaço:

Vixi como eu tô feliz,
 cangaceiro aqui não para
 Apoiando o vozão,
 sacudindo a aquibancada.
 Vixi como eu tô feliz,
 cangaceiro aqui não para
 Apoiando o vozão,
 sacudindo a aquibancada. (2x)

“*Orgulho de ser nordestino*”, “*Não portamos armas bebemos cachaça*” essas são as duas frases escritas mais comuns nas camisas da Torcida Organizada Cangaceiros Alvinegros, uma das torcidas organizadas mais novas do Estado do Ceará¹³. Além de frases afirmativas e valorativas que evocam um suposto *orgulho nordestino* e enunciam certos elementos e práticas culturais supostamente específicas da região como o “*consumo de cachaça*”.

Para o pesquisador e estudioso da área da Psicologia Social Alexandre Nicolau Luccas as camisas de uma torcida organizada funcionam como verdadeiros “*documentos de identidade*”:

As camisas de uma torcida organizada guardam seus símbolos distintivos. Servem, praticamente, como um documento de identidade para seus associados, através do qual são facilmente reconhecíveis. Elas portam as cores do time, o nome da torcida e o seu símbolo.

¹³ Criada a menos de um ano, a torcida já é reconhecida por grande parte dos torcedores do Ceará, pelas outras organizadas e até pela mídia local, pois já foi alvo de matérias jornalísticas de programas esportivos locais.

Esteticamente, quando o grupo está todo junto, as camisas, todas iguais, compõem um time que fica do lado de fora do gramado, torcendo pelo que está dentro. (LUCCAS, 1998.p.62).

Em algumas situações pontuais tivemos a oportunidade de comprovar empiricamente a efetividade da hipótese levantada pelo estudioso, apresentada pela seguinte afirmação: “um documento de identidade para seus associados, através do qual são facilmente reconhecíveis” (LUCCAS, 1998 p.62). A primeira situação prática foi testemunhada por um dos pesquisadores responsáveis pela presente pesquisa, um fragmento de nosso diário de campo deixará claro o exposto:

Hora antes da partida entre Ceará e Santos que acontecerá no dia 13 do mês de novembro do 2011, disputa válida pelo campeonato brasileiro da série A. Fui até a parada de ônibus mais próxima de minha residência trajado com a camisa dos Cangaceiros Alvinegros no intuito de me deslocar até o Estádio Presidente Vargas pra assistir a partida em questão, ao atravessar a Avenida Pontes Viera por volta das 16 horas da tarde e parar enfrente a parada de ônibus para esperar o ônibus da linha Parangaba/Náutico ou Siqueira/Papicu Via 13 de Maio, ambos me levariam ao meu destino final, uma carro começa que vinha passando pela avenida reduz a velocidade em função da cor do semáforo que estava vermelho, um dos passageiros do automóvel baixa o vidro do veículo, e grita em auto e bom som: Vamo simhora Cangaceiro, hoje só vai dá Vozão! (Fragmento do Diário de campo da pesquisa).

A segunda situação aconteceu no mesmo dia, mas já dentro do P.V.¹⁴, após entrarmos no estádio nos deslocamos até o espaço aonde a Torcida Organizada dos Cangaceiros Alvinegros costuma ficar em dias de jogo¹⁵, o torcedor nesse momento deu lugar ao pesquisador social, nos dirigimos até o presidente da TO, e o comunicamos o evento exposto no fragmento de nosso diário de campo, o mesmo com um sorriso no rosto demonstrando o contentamento devido ao reconhecimento de sua TO nos afirmou:

Um dia desses foi uma colega nossa que dentro do ônibus, vindo para o estádio, vestida com a camisa do Cangaço me contou que na hora de descer na parada tinha uma galera da Cearamor que pegou o busão antes dela, ai eles estavam fazendo mó desordem no ônibus mexendo com todo mundo, ai quando ela foi descer, antes deles claro pra ela não vacilar, um deles falou: “olha ai a Cangaceira, é limpeza,

¹⁴ Abreviatura de Presidente Vargas ou como o estádio é popularmente chamado.

¹⁵ Essa questão de “espaços” estimula uma excelente discussão sobre fronteiras, território, demarcações em áreas urbanas, porém não é o foco do presente estudo, fica a idéia para estudos futuros.

deixa quieto... Palavras dela oh, morri de achar graça...".
(Fragmento retirado do diário de campo).

Luccas (1998) em outro momento de seu trabalho acrescenta:

As camisas trazem em si este sentido e, além disso, integram o sujeito em um grupo de iguais. Não importa a origem de cada um ou o espaço que ocupam na cidade ou na sociedade. Todos os torcedores organizados pertencem a grupos específicos, que se definem por características específicas, traduzidas na simbologia que escolhem. O que parece realmente importar é que estão juntos. Fazem parte de um coletivo. As camisas marcam isto muito bem. Marcam a identidade do grupo e de cada um. Assumir ser membro de uma *torcida organizada* é, sobretudo, assumir seus símbolos e marcas. (LUCCAS, 1998 p.63).

Nesse sentido a camisa ultrapassa a condição de *documento de identidade*, e passa a figurar também com uma função integradora, que coletiviza ao ponto de torna aquele que a usa um membro de um grupo, ou pelo menos identificando o como tal. Por outro lado também o individualiza perante aos demais torcedores não pertencentes ao mesmo coletivo, pois a partir do instante que o sujeito torna-se integrante de um grupo específico, seja ele membro de uma TO ou um torcedor que torcem pelo mesmo time, contudo não estar vinculado a nenhuma dessas organizações grupais de torcedores.

Um exemplo prático do que acabou de ser exposto é o seguinte: aquele que veste a camisa da Cearamor¹⁶ torce pelo Ceará Sporting Club do mesmo modo que aquele que veste a camisa apenas do time cearense ou veste a camisa dos Cangaceiros Alvinegros, entretanto aquele que veste a Camisa da Cearamor é integrante de determinado grupo, aquele que vestem a camisa dos Cangaceiros Alvinegros é de um grupo diferente e aquele que veste a camisa do Club, porém não ligado a nenhuma dessas organizações coletivas, faz parte de outro grupo.

As paródias musicais dando preferência e evocando ritmos tipicamente reconhecidos como regionais, os símbolos que aludem a uma cultura regional inseridos nas camisetas da TO, o próprio chapéu de couro, usado por muitos

¹⁶ Torcida Organizada do Ceará Sporting Club. Fundada em 1982 é atualmente considerada uma das mais importantes e mais numerosas do Norte e Nordeste, de fato é a torcida organizada do Ceará Sporting Club com maior número de membros.

integrantes da TO Cangaceiros Alvinegros, os instrumentos músicas como triângulo e zabumba (típicos dos ritmos musicais da cultura nordestina), os chocalhos espalhados em meio aos integrantes da própria TO, as frases inscritas nas camisetas, todos esses elementos forma, como os próprios idealizadores da torcida chegarão a deixar claro em matéria jornalística já citada que, estratégias de valorização da cultura regional, mecanismos de respostas aos “insultos” e “desdenho” de outros torcedores, em geral das Regiões Sul e Sudeste, que se apegam ao viés de desigualdades regionais para subjugar outros torcedores de outras equipes.

Após um processo intenso de observação participante que contou com idas a treinos e jogos do Ceará Sporting Club, assistir as partidas em bares, junto a uma parte da TO, quando o time jogava fora do Estado do Ceará, podemos perceber que em geral aqueles que se identificam como *Cangaceiros Alvinegros*, em sua grande maioria, são adeptos do discurso “anti-misto”.

Tivemos a oportunidade de presenciar partidas importantes no Presidente Vargas durante os meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2011, as que mais nos serviram para coleta de dados, foram exatamente contra as equipes consideradas, tanto pela crônica esportiva nacional como pelos que de certo modo vivenciam diretamente ou indiretamente o mundo do futebol, grandes e tradicionais do futebol brasileiro¹⁷, como foi o caso de: Ceará VS. Flamengo, Ceará VS. Corinthians e etc.

Essas duas partidas citadas acima mereceram nossa atenção especial, pois as equipes enfrentadas pelo time local da capital cearense, são consideradas pelos seguidores do movimento “anti-misto” como as principais equipes favorecidas pelo suposto processo de manipulação midiático.

Ao acompanharmos os jogos do Ceará pela primeira divisão da competição mais importante do futebol nacional, durante os meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2011, a fim de coletar dados para a

¹⁷ A questão sobre a grandeza e tradicionalidade de Clubes é uma questão que não pretendemos abordar nesse trabalho. Deixamos para próximos empreendimentos intelectuais de nossa autoria.

presente pesquisa e também com interesse de acompanhar a equipe enquanto torcedores. Assistimos a esses eventos esportivos inseridos no espaço do estádio Presidente Vargas apropriado simbolicamente pela Torcida Organizada Cangaceiros Alvinegros. Nesse espaço verificamos que a TO participa desses momentos de embate simbólico contra os torcedores adversário pautando sempre por um viés contrário aos “mistos”, contrário aqueles que eles julgam, alienados, vítimas de uma mídia corporativa e de seus interesses. Segundo podemos observar, todas as ofensas são proferidas a torcida adversária inteira, entretanto são especialmente direcionadas para aqueles que se enquadram no perfil de um “torcedor misto”.

Considerações Finais.

O livro *Tempo das Tribos* de autoria de Michel Maffesoli (1998, apud MOREIRA), sociólogo francês da contemporaneidade, nos fornece uma contribuição fundamental para o entendimento do fenômeno social das TO. Para Maffesoli (1998 apud MOREIRA) o aparecimento desses agrupamentos e suas redes de sociabilidade podem ser vistos na comunhão das experiências coletivas entre indivíduos, agentes sociais, como uma característica fundamental da contemporaneidade social.

Na interpretação do pesquisador da área da Comunicação Social André Dias Moreira, “os vínculos coletivos de identificação e representação nas sociedades de massas ajustam-se como matrizes à desintegração, cada vez maior, do individualismo já que” (MOREIRA, 2011), ele nos lembra de que segundo Maffesoli: “na massa, a gente se cruza, se roça, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam” (MAFFESOLI apud MOREIRA).

Esses cruzamentos e interações fomentam de fato o aparecimento de laços de sociabilidades, vínculos estabelecidos por critérios indenitários, aonde os sujeitos se aproximam, de modo geral, por compartilhar de algum sentimento, emoção, devoção e etc. No caso específico das Torcidas

Organizada, esses sentimentos estão voltados tanto para o time em que se propõe apoiar como também para a própria torcida, que acaba se tornando um ser inanimado, portador de um complexo acervo de sentidos, relações de sociabilidade e sistemas simbólicos.

Não são apenas os sentimentos que nutrem e operam essas organizações coletivas de torcedores, mas em muitos casos a TO é guiada por um ou por vários elementos ideológicos como apoio incondicional ao time, valorização de sua condição enquanto integrante de um grupo maior e etc.

Entre esses elementos ideológicos nos deparamos com um especificamente peculiar e consideravelmente novo, que despertou nosso interesse enquanto pesquisadores, nos referimos nesse momento ao movimento ideológico “anti-misto”. O movimento faz uso de um discurso contrário à existência do que eles classificam como “torcedores mistos”. Um exemplo para objetivar o raciocínio: um baiano, que mora em Feira de Santana-BA e que torce pelo Clube de Regatas do Flamengo, equipe que possui sede oficial na cidade brasileira do Rio de Janeiro, neste caso esse “baiano” é considerado pelos seguidores da ideologia “anti-misto” como um “misto”, uma vítima de um processo de alienação midiática ou até mesmo um torcedor sem identidade regional, que não valoriza a cultura de sua região, de seu estado e etc.

A discussão que propusemos fomentar neste trabalho é bastante pertinente para o a ciências sociais como um todo. Ao nosso vê, além de aborda elementos analíticos de uma suposta conjuntura socioeconômica do país, (evidenciando em seu discurso, diretamente ou indiretamente, as desigualdades regionais do país) o debate por nós proposto sobre o movimento “anti-misto” perpassa por questões de construção e afirmação de identidade, constituição de novas e manutenção de antigas redes de sociabilidade e etc.

Referências

- ANDRADE, Luana. : **Os Cangaceiros Alvinegros: alegria para contagiar os jogos do Ceará**. Globoesporte.com, Fortaleza-CE, 16 de jul. 2011. Disponível em <
<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/ceara/noticia/2011/06/cangaceiros-alvinegros-alegria-para-contagiar-os-jogos-do-ceara.html>>. Acesso em: 28 out. 2011.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. Resenha de: OLIVEN, G. Ruben. Horizontes antropológicos. vol.8 no. 17, Porto Alegre Jun 2002. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000100016>. Acesso em: 20 set. 2011.
- GONZAGA, Luiz. Forró de cabo a rabo. In: GONZAGA, Luiz. **O melhor de Luiz Gonzaga**. Rio de Janeiro: Sony, 1996. 1 CD. Faixa 16.
- LUCCAS, N. Alexandre. Futebol e Torcidas: Um Estudo Psicanalítico Sobre o Vínculo Social. 1998. p. 214. Dissertação -PUC. São Paulo/1998. Em arquivo pdf. Disponível < http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/161438_Luccas%20_M_%20-%20Futebol%20e%20torcidas.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2011.
- MENEZES, José Santana de. *As Diversas formas de Sociabilidade Praticadas entre Os Integrantes da Torcida Os Imbatíveis*. In: IX CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. 2011. Salvador-BA.
- MOREIRA, André Dias. **A construção das redes de sociabilidade na Galoucura**:Torcidas Organizadas de Futebol. Revista Espcom. Vol. 03. Belo Horizonte- MG. Disponível em < <http://www.fafich.ufmg.br/~espcom/revista/numero3/andre.html>>. Acesso em: 22 out. 2011.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade das torcidas representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. in: **Na Metrópole**: textos de Antropologia Urbana. MAGNANI, José Guilherme C. *et al.* (org). São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo/ FAPESP, 2000.
- VASCONCELOS, Arthur de Vasconcelos. **Identidade Futebolística**: os “torcedores mistos” no Nordeste. 2011, p.165. Dissertação - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.